

F. Rosas

SBMz - Boletim Informativo

Sociedade Brasileira de Mastozoologia
Número 38

Dezembro 2003



Ariranha atraída pelo "play-back". Lago de Balbina, Amazonas, Brasil. Foto: Fernando Rosas



Sociedade Brasileira
de
Mastozoologia

Técnicas de campo que podem auxiliar no estudo de populações naturais de ariranhas (*Pteronura brasiliensis*)

Fernando César Weber Rosas

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Laboratório de Mamíferos Aquáticos. Caixa Postal 478, Manaus – AM 69011-970

uso do “play-back” (reprodução de sons da espécie para indivíduos da mesma espécie) é difundido em estudos de avifauna e até mesmo algumas espécies de mamíferos. No entanto, a técnica, se utilizada com ariranhas, não foi até o momento registrada na literatura indexada. O uso da técnica de “play-back”, a partir da reprodução de sons de ariranhas cativas, tem sido utilizado por nós com populações naturais e tem obtido excelentes resultados. A natureza tímida da ariranha normalmente faz com que se aproximem de seus observadores. No entanto, o tempo de permanência muitas vezes não é suficiente para permitir a tomada de boas imagens de todo o grupo. Fotos e/ou filmagens da mancha pardo-amarelada do pescoço e garganta da ariranha com boa aproximação e ângulo adequado, são muitas vezes difíceis de se obter contando apenas com o tempo que as ariranhas permanecem junto aos observadores até saciarem sua curiosidade e se afastarem. Nesse momento, quando as ariranhas parecem ter perdido o interesse e começam a se afastar, o uso do “play-back” tem sido altamente eficiente, capaz de manter um grupo de ariranhas por períodos superiores a 30 minutos nas imediações dos pesquisadores. Contudo, não é recomendável que o “play-back” seja utilizado logo nos primeiros minutos que se faz o contato visual com os grupos de ariranhas. A técnica tem se mostrado mais eficiente quando é utilizada somente no momento que os animais começam a se afastar. Essa técnica, se utilizada da maneira acima descrita,



Galhos colocados na subida de uma toca de ariranha no lago da hidrelétrica de Balbina, Amazonas, Brasil.
Foto: Fernando Rosas.

permite excelentes imagens de *P. brasiliensis* e auxilia na elaboração de um catálogo de identificação dos animais com base nas manchas naturais do pescoço.

Uma outra dificuldade normalmente encontrada pelos pesquisadores que trabalham com populações naturais de ariranha é saber se os indivíduos estão de fato utilizando uma determinada toca naquele momento que a equipe encontra-se em campo. É relativamente fácil perceber se uma toca tem sido utilizada pelas ariranhas ou não. No entanto,

é sabido que a espécie possui diversas tocas em seu território e pode alternar o uso dessas, mudando de “moradia” com relativa frequência, as vezes de um dia para outro. Se os objetivos do projeto prevêem aspectos relacionados à organização social e comportamento, pode ser interessante flagrar a saída das ariranhas da toca cedo na manhã. Contudo, se os animais não foram observados entrando na toca no final da tarde do dia anterior, será muito difícil ao pesquisador, na manhã seguinte, saber se os animais de fato dormiram naquela toca. Quando em uma determinada área existem vários grupos de ariranhas, é preciso decidir que toca será observada na manhã seguinte. No entanto, se a toca selecionada para ser observada ao amanhecer não tiver sido utilizada pelas ariranhas, o pesquisador terá perdido várias horas preciosas em frente a ela, sem resultados positivos. Neste contexto, um artifício que tem contribuído para o estudo das ariranhas que residem no lago da Usina Hidrelétrica de Balbina (Amazonas, Brasil) é a utilização de pequenos galhos secos de árvores estrategicamente colocados na entrada das tocas. Se as ariranhas entrarem numa dessas tocas no fim do dia, elas certamente irão remover esses galhos, de maneira que na manhã seguinte não estarão mais na entrada, permitindo ao pesquisador saber com alto grau de segurança que as ariranhas pernoitaram naquela toca. Por se tratar de material natural, a interferência é mínima e as ariranhas simplesmente

afastam os galhos ao entrarem na toca, sem alteração em seu comportamento.

Artigos para esta seção podem ser submetidos por todos os sócios. Para saber mais, entre diretamente em contato com a Editora responsável pela seção: fernando@sbmz.org.br.